



Enunciação Jornalística no Contexto das Sociedades Midiatizadas ¹

Rafael Drumond²
Paula Lima Gomes³
Wilson Milani⁴

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte, MG

Resumo

O presente artigo tematiza a produção jornalística no contexto de midiatização das sociedades contemporâneas. Nossa reflexão volta-se para as modalidades interacionais inauguradas pela emergência de novas disposições sociotécnicas, agora, atravessadas pela coexistência de diferentes modos de produção, circulação e consumo jornalístico. Buscamos, assim, evidenciar como a zona de enunciação jornalística conforma-se na condição de indutora interacional; assim como, procuramos entender as possibilidades de reconfiguração da gestão e do compartilhamento de informações nas sociedades midiatizadas. Por fim, problematizamos o perspectivismo epistemológico que, não raro, polariza os estudos voltados para esse campo a partir de motivações ideológicas que oscilam entre o otimismo ingênuo e o negativismo imponderado.

Palavras-chave

Interação Midiatizada; Jornalismo contemporâneo; Mediação; Midiatização.

1. Nota introdutória

A discussão deste artigo, centrada na análise da produção jornalística no contexto da sociedade midiatizada contemporânea, é um desdobramento reflexivo suscitado pela metapesquisa “A construção do capital teórico sobre os processos de interação midiatizada nos artigos científicos apresentados nos encontros anuais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) durante a primeira década de 2000”⁵. Dos artigos selecionados para compor o *corpus* qualitativo da metapesquisa, optamos

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC Minas. Bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). E-mail: rafael.drumond@yahoo.com.br

³ Graduada em Publicidade e Propaganda pela PUC Minas. E-mail: paulakahlo@gmail.com

⁴ Graduado em Publicidade e Propaganda pela PUC Minas. Graduando em Jornalismo pela mesma instituição. E-mail: wilsonmilani@gmail.com

⁵ Sob a coordenação da Professora Doutora Maria Ângela Mattos, a metapesquisa, financiada pelo Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), é desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa “Campo Comunicacional e suas Interfaces”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC Minas e cadastrado no CNPq, e do qual os autores deste trabalho são integrantes.



por trabalhar com os textos apresentados ao Grupo de Trabalho (GT) “Estudos de Jornalismo”, existente desde os anos 2000 na Compós⁶. Objetivamos, assim, ampliar a presente reflexão ao âmbito da Intercom, a fim de ultrapassar o contexto institucional que situa nosso processo de pesquisa, resultando, não eventualmente, no amadurecimento das discussões teórico-metodológicas propostas.

Dentre centenas de artigos mapeados pelo Grupo de Pesquisa, debruçaremos sobre um universo bastante reduzido: ao todo, apenas 11 trabalhos⁷ do GT de “Estudos de Jornalismo” foram selecionados para compor o *corpus* qualitativo da metapesquisa. Em razão desse indício, um dos principais fomentadores desta reflexão é justamente o diagnóstico dessa baixa representatividade, sobretudo, quando contrastado à densidade das discussões propostas pelos textos selecionados: por um lado, se a presença de temáticas relacionadas às interações no contexto da midiatização é baixa nesse GT, por outro, esses poucos trabalhos apresentaram um panorama complexo e heterogêneo de abordagens e pontos de vista sobre os regimes contemporâneos de interação midiatizada – longe, portanto, de representar um material pouco instigante. Além de observações como a diversidade de autores e de filiações institucionais (aspectos que raramente se repetem nos 11 artigos selecionados), também identificamos uma variedade de perspectivas teóricas, lógicas interacionais e suportes empíricos acionados na construção das análises propostas.

Diante desse *corpus* complexo, utilizamos os próprios aportes teórico-metodológicos presentes nesses artigos, além de trabalhos de referência para o Grupo de Pesquisa (alguns, apresentados em outros GT’s da Compós)⁸. Em linhas gerais, iniciamos esta análise focalizando a midiatização das sociedades contemporâneas e algumas possíveis implicações

⁶ A delimitação do *corpus* foi orientada por um “roteiro de mapeamento”, composto, fundamentalmente, por questões dissertativas (qualitativas) e objetivas (quantitativas). Esse roteiro viabilizou o estudo de um material de mais de 1.000 artigos e o consequente aprofundamento naqueles que trabalhavam direta ou indiretamente o conceito de interações midiatizadas.

⁷ Foram selecionados os seguintes trabalhos: (1) “Notícias do fantástico: jogos de linguagem e efeitos de sentido na comunicação jornalística”, de Luiz Gonzaga Motta; (2) “O jornalismo e a reformulação da experiência do tempo nas sociedades ocidentais”, de Carlos Eduardo Franciscato; (3) “Reflexividade e jornalismo: algumas aproximações”, de Carlos Alberto de Carvalho; (4) “Um panorama da produção jornalística audiovisual no ciberespaço: as experiências das redes colaborativas”, de Beatriz Becker e Juliana Teixeira; (5) “A midiatização jornalística do dinheiro apreendido: das fotos furtadas à fita leitora”, de Antonio Fausto Neto; (6) “A TV digital e o imaginário tecnológico: identidades, mediação e sociabilidade nas fantasias do telejornal online”, de Felipe Pena; (7) “Gêneros jornalísticos digitais: um estudo das práticas discursivas no ambiente digital”, de Lia Seixas; (8) “Jornalismo participativo na internet: pensando algumas questões técnicas e teóricas”, de Virgínia Fonseca e Cristiane Lindemann; (9) “O olhar às avessas: a lógica do texto jornalístico”, de Fernando Resende; (10) “O que é jornalismo digital em bases de dados”, de Suzana Barbosa; (11) “Telejornalismo: o conhecimento do cotidiano”, de Alfredo Eurico Junior.

⁸ A discussão travada no presente trabalho não se relaciona, direta e necessariamente, às problematizações verificadas nos artigos do GT “Estudos de Jornalismo” selecionados pela metapesquisa. Logo, os 11 artigos desse GT são um ponto de partida reflexivo, que, articulados a outras referências, constituem o nosso aporte teórico. Por conseguinte, nem todos os trabalhos citados na nota sete foram utilizados na construção deste texto.



de tal fenômeno no processo de produção, circulação e consumo de notícias. Em seguida, tendo em vista os regimes interacionais que perpassam a prática jornalística na atualidade, refletimos sobre a mediação desse campo ou dessa zona de enunciação social. Ao final, efetuamos um balanço crítico sobre o percurso problematizado, com foco nos desafios interpostos pela midiatização aos estudos comunicacionais e, logo, de jornalismo. Buscamos, assim, evidenciar o tensionamento epistemológico muitas vezes agenciado pelo dualismo de perspectivas ora otimistas, ora denunciastas, sobre as práticas jornalísticas da contemporaneidade.

2. O jornalismo no contexto da midiatização

A midiatização das sociedades contemporâneas, de acordo com Braga (2006), abrange dois níveis operativos interrelacionados: a midiatização de campos sociais específicos (política, educação, práticas religiosas...) e a midiatização da própria sociedade. Para o autor, as lógicas midiatizadas estariam, progressivamente, atravessando as engrenagens funcionais de diversos processos sociotécnicos, contribuindo, assim, para a emergência de novas dinâmicas de estruturação da realidade socialmente compartilhada⁹.

Não se trata, entretanto, de reduzir os fenômenos sociais e as atuais razões comunicativas às disponibilidades inauguradas pelo desenvolvimento tecnológico, mas, antes, de inserir os avanços técnicos no jogo complexo dos princípios geradores da vida social. A mediação das tecnicidades ultrapassa o nível instrumental facilmente pressuposto aos extensionamentos mecânicos, atingindo uma dimensão nuclear dos processos de subjetivação, sejam eles individuais e/ou coletivos. Nesse contexto, a midiatização não se restringe a uma condição cenográfica a partir da qual desenvolvemos, no ato presente da história, as mesmas querelas de outras épocas; ao contrário, seus processos, ao remodelarem toda uma estética comunicativa, inauguram outras¹⁰ concepções políticas responsáveis por localizar sujeitos e sociedades frente ao mundo.

⁹ Nos termos de Tavares (2007, p. 18): “Estamos vivendo hoje uma mudança de época, um câmbio epocal, uma nova inflexão, com a criação de um *bios* midiático que toca profundamente o tecido social. Surge uma nova ecologia comunicacional. É um *bios* virtual. Entendo que, muito mais do que uma tecno-interação, está surgindo um novo modo de ser no mundo representado pela midiatização da sociedade”. Sodré (2002), por sua vez, entende como *bios midiático* uma nova forma de existência social e subjetiva, ambiência na qual os fenômenos das tecnointerações e da midiatização crescente das sociedades configuram um *ethos* midiatizado onde os dispositivos de interação midiática inauguram diferentes mecanismos relacionais e diferentes níveis de engajamento ou vinculação social.

¹⁰ Concepções essas que, vale ressaltar, pendulam entre o novo e o velho, entre a utopia tecnocrática e a nostalgia descrente, e que, talvez, encontrem no *hibridismo* o manejo mais confortante das heterocronias que atravessam a contemporaneidade.



Braga (2006; 2006a) aponta que essas novas balizas para construção da realidade socialmente compartilhada devem-se a um deslocamento crucial verificado nos mecanismos de interação e conversação social. Segundo essa perspectiva, o atual *ethos* midiaticado (SODRÉ, 2002) estabelece processos interacionais cada vez mais referenciados nas lógicas da midiaticação, isto é, na comunicação *hiperlínica* que conecta tecnologias e meios, sujeitos e instituições, campos sociais e práticas culturais.

Entendemos que os processos interacionais de referência são os principais direcionadores da construção da realidade social. O que parece relevante, em perspectiva macrossocial, é a teoria de que a sociedade constrói a realidade social através de processos interacionais pelos quais os indivíduos, grupos e setores da sociedade se relacionam. (BRAGA, 2006, p. 3).

Nessa medida, refletir sobre a midiaticação das sociedades contemporâneas como processo interacional de referência evoca um entendimento que seja capaz de atravessar e ultrapassar as especificidades das engenharias tecno-simbólicas de campos ou processos sociais determinados. Para além dos condicionantes que modelam os mais diversos tipos de circuitos comunicacionais (dimensão visível dos fenômenos), a aposta teórica da epistemologia da midiaticação reside no aspecto lógico que, clandestinamente, alicia e organiza os mais diferentes regimes de produção simbólica. Trata-se de uma imaterialidade significativa que costura distintas formas tecnoperceptivas em uma matriz mais ou menos estável de produção de sentidos, uma espécie de dispositivo dos dispositivos que exerceria uma função de metaprescrição, a saber, o agenciamento dos próprios mecanismos agenciadores das dinâmicas sociais, tanto em sua dimensão maquínica quanto humana.

Avaliamos que, a partir desse contexto, a proposição de Braga (2006) sobre a passagem de um processo interacional de referência centrado na “cultura da escrita” para a “cultura midiaticada” torna-se particularmente interessante para análise que propomos neste artigo. Apesar de, a nosso ver, esse entendimento histórico-contrastivo não ser inequívoco, sugerimos explorá-lo em sua dimensão jornalística, tendo em vista o deslocamento, particularmente expressivo nesse campo, da experiência cognitiva do texto ao hipertexto, da linha à superfície, do registro escrito às imagísticas circulantes.

Não intencionamos, vale ressaltar, propor uma razão dualista que compartimentaliza os percursos históricos em etapas, linearizando artificialmente processos de natureza caótica. Assumimos, tal como Martín-Barbero (2006, p. 70) que “a convergência da globalização e da revolução tecnológica configura um novo ecossistema de linguagens e escritas”, processo

marcado pela assunção de outras racionalidades e sensibilidades, capazes de promover novas percepções espaço-temporais e formas distintas de exercício da memória.

Assim, quando nos apropriamos da proposição teórico-didática de Braga (2006) sobre os processos interacionais de referência, estamos reconhecendo, tal como o autor, o jogo de mútua afetação e constante conversão que tornam ambos os processos, acrescidos de outros, socialmente atuantes. Isso significa dizer que “(...) dentro da lógica da midiatização, os processos sociais ‘da mídia’ passam a incluir, a abranger os demais, que não desaparecem, mas se ajustam” (BRAGA, 2006, p. 2).

Sugerimos, então, que, no contexto da enunciação jornalística, tema central deste artigo, o tensionamento entre tais culturas de interação seja articulado como operador analítico a partir do qual tracejaremos algumas distinções sobre o exercício dessa prática em diferentes contextos históricos e sociotécnicos. Esse esforço justifica-se pela necessidade de, não somente inscrever a atualidade jornalística no *continuum* histórico que, arqueologicamente, encadeia acontecimentos e processos¹¹, mas também de reconhecer que estamos vivenciando um momento ímpar da midiatização, responsável por mudanças radicais nos dispositivos de enunciação social. Dessa forma, no que tange às especificidades da produção jornalística no atual estágio da midiatização, nossos questionamentos, sumariamente, são: quais as implicações das novas tecnologias, tanto em termos de possibilidades interacionais, quanto de usos socialmente verificáveis, para a construção de uma ambiência jornalística capaz de permitir outra mobilidade e/ou interação às dinâmicas de produção/recepção? Em que medida a midiatização social, processo além da midiatização da zona jornalística, vem condicionando a percepção e a produção de discursos sobre o domínio do “real”, e de que maneira os referenciais históricos tradicionais resistem nesse contexto de tensões e rupturas? Qual o jogo de relações presumíveis ao jornalismo que vêm se deslocando do domínio da letra para a razão imperiosa da imagem?

Objetivando explorar brechas abertas por essas indagações, trazemos algumas reflexões sobre o percurso da prática jornalística, tomado, especialmente, em sua relação com o desenvolvimento e monopólio das técnicas (re)produtivas. Nessa medida, apontamos que o processo de produção e divulgação da informação e da opinião atrelou-se, desde sua origem,

¹¹ Por essa angulação histórico-processual, o próprio exercício jornalístico, tomado como dinâmica ampla de veiculação de notícias, só se tornou possível a partir da midiatização social. A trajetória do campo imbrica-se, assim, aos percursos sociotécnicos que, há séculos, vêm estabelecendo as bases de disposições tecnológicas, discursivas e éticas que, na contemporaneidade, são atualizadas a partir de novas práticas de produção e circulação de informações. O que conhecemos e legitimamos como jornalismo é resultado de diversos vetores que, incidindo sobre distintos contextos de produção simbólica, permitiram o soerguimento desse campo de enunciação sobre a realidade social.



às modalizações econômicas, institucionais, empresarias e culturais capazes de instaurar e credenciar o lugar social do jornalismo. Longe de ser harmônico ou hegemônico na condição de leitor da vida em sociedade, essa zona de enunciação marcou-se como um campo de conflitos, ainda que, pela natureza restritiva do acesso à sua dimensão produtiva, nem todos os atores sociais pudessem dispor do direito à participação na gestão informacional.

Dessa impossibilidade de entrada, fundamenta-se um preceito importante que, a esta análise, interessa evidenciar: a zona de enunciação jornalística como indutora interacional; e, ainda, as possibilidades de reconfiguração da gestão e do compartilhamento de informações inauguradas pelas sociedades midiaticizadas. Em vistas dessa exploração, vale assentar o controle do processo de construção do “real jornalístico” no histórico social, cultural, econômico e político dos meios de comunicação. Tal percurso foi marcado, em sua gênese, pela privatização das ferramentas produtivas, tanto a partir do custo das tecnologias de reprodução (imprensa gráfica, equipamentos de emissão sonora e televisiva, câmeras de gravação, entre outros), quanto pela movimentação de capitais de diferenciação sociocultural (como, por exemplo, competências leitoras, intimidade com os domínios textual, sonoro e imagético, poder de mobilização política).

Sobre o jornalismo, esse exclusivismo na origem teria reforçado uma mítica midiacentrista que, do senso comum à epistemologia acadêmica, busca ressaltar perspectivas diversas, tais como: o enquadramento dos sentidos por meio de processos de edição, as estratégias de vinculação/engajamento recepcional a partir de contratos de leitura, os constrangimentos técnicos, institucionais, discursivos e éticos de produção da notícia, aspectos tendenciosos e/ou manipulatórios dos critérios de noticiabilidade, a parcialidade e a montagem da informação.

Em tal contexto produtivo, a participação social no campo de representações midiáticas dar-se-ia, na maior parte das vezes, por delegação, no sentido de incumbir o jornalista – mediador social por excelência – a tarefa de atuar em nome de outras vozes e atores. Como manifestação ainda latente dessa concepção, podemos notar – mais no nível implícito da prática do que na superfície dos discursos “oficiais” e “academicamente corretos” – o atravessamento de gramáticas que orientam as práticas de enunciação jornalística a partir de princípios de objetividade (jornalista como ponte/mediador, e não como sujeito) e transparência (desconsideração da esfera discursiva de produção da realidade socialmente compartilhada). Essa concepção clássica de jornalismo parece historicamente atrelada às dinâmicas verticais que definiram as assimetrias da relação entre meios de comunicação e sociedade durante a maior parte do século passado. Seria esse o período da chamada



“Sociedade dos Meios ou Sociedade Midiática” (FAUSTO NETO, 2008), temporalidade marcada, nos países centrais de instauração burguesa, pela fragilização da referencialidade interacional da cultura escrita.

Ao inserir tais dinâmicas sobre o contexto atual da midiaticização, sobretudo em caráter comparativo, incorremos no risco de sugerir, dentro de uma perspectiva axiológica, certa “evolução” do presente frente ao passado: afinal, a “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999) tensionou as estruturas e a hierarquia tradicional dos meios de produção simbólica, desenvolvendo dispositivos interacionais capazes de garantir fluxos comunicativos menos determinados, gerando um “sistema de resposta social” (BRAGA, 2006a) que, a princípio, pressiona o clássico dualismo que, outrora, fixava papéis aos produtores e receptores midiáticos. Nessa nova dinâmica, o monopólio da produção simbólico-midiática é fissurado pelo acesso facilitado às novas tecnologias de comunicação e informação, redimensionando a verticalidade da produção jornalística verificada em processos anteriores.

Por outro lado, a partir de um viés crítico sobre a relação texto e imagem, podemos denunciar a superficialidade do circuito midiaticizado contemporâneo. Nessa angulação, o valor canônico e artístico do campo das letras opõe-se ao domínio imagético que dilui o real por meio da proliferação virtual das representações, levando-nos à discussão sobre a capacidade de engajamento social e subjetivo dessas tecnologias, que, não raro, parecem atender mais ao consumo – devir do capital – que aos processos de “humanização”.

A presente análise vale-se, portanto, dessa fratura: a midiaticização é, ao mesmo tempo, um processo histórico contínuo que, há séculos, vem desenhando os percursos do capital, da propriedade privada, do controle e do agenciamento simbólico nas mais diversas sociedades. Por outro lado, a midiaticização, entendida na esteira do pensamento de Braga (2006; 2006a), como processo contemporâneo de interação social, traz novas possibilidades de construção da realidade socialmente compartilhada, indo, assim, além da reprodução dos mesmos dramas e conflitos que nos situam historicamente. Entre o continuísmo que reforça – esse capitalismo sem nome que, melindrosamente, migrou das estruturas sociais para as estruturas cognitivas e simbólicas – e a ruptura que inaugura – a possibilidade da ampla participação –, encontra-se essa zona, ainda privilegiada, de enunciação jornalística.

Diante do contexto atual de convergência dos meios, mobilidade, hipertextualidade e instantaneidade do real, refletimos sobre como o jornalismo se marcará na condição de campo legítimo, articulador de diversos regimes de interação social. E, ainda, como poderá operar, mesmo que sulcado nos territórios voláteis do capital, em prol de novos horizontes de sociabilidade e outras tipologias do “real”.

3. Jornalismo e mediação social

De modo geral, pode-se dizer que poucos contestariam o papel de mediação da prática jornalística, mesmo quando diferentes paradigmas são acionados para compreender os fenômenos dessa ordem, sejam eles ligados à teoria clássica do jornalismo ou à teoria contemporânea¹². Entendendo tal conceito no seu sentido etimológico, “mediador” significa “o que serve de intermédio, elo” (HOUAISS 3.0) entre fatos e sujeitos; ou seja, no caso jornalístico, seria aquele que medeia por meio das notícias, sendo tal prática, conforme aponta Resende (2004, p. 2), um “lugar onde a mediação se processa”. Em contrapartida, a avaliação da mediação jornalística na contemporaneidade não se apresenta de maneira consensual, oscilando, em muitos casos, entre polos otimistas e pessimistas, a partir de diferentes concepções, perspectivas teóricas e paradigmas comunicacionais.

Em decorrência do avanço dos processos e da afetação das lógicas e cultura da midiatização sobre o funcionamento das práticas de diferentes campos sociais, ocorrem alterações cruciais no trabalho de midiatização jornalística. Roubam-lhe, assim, a ‘posse’ sobre certas operações e regras com as quais institui a construção da realidade. Estas, sendo apropriadas por outros campos sociais, possibilitam que os fatos tenham, assim, formas de existência, de funcionamento e de legitimidade. Além disso, ensejam câmbios cruciais nas relações entre os âmbitos das fontes e o campo jornalístico propriamente dito. (FAUSTO NETO, 2007, p. 2).

Na perspectiva desse autor, a produção de sentidos sobre determinados fatos também é determinada por outros campos (político, econômico, policial) antes mesmo da mediação jornalística. Pereira (2005), ao contrário, discute, com certo pessimismo tecnocêntrico, a influência hegemônica do jornalismo (dotada de ação mais autônoma) para a “criação de realidades”. Este autor parte da premissa de que o telejornalismo, em especial, influencia no “(...) dia a dia das pessoas e na forma como elas percebem o mundo”. (PEREIRA, 2005, p. 1), além de influenciar a própria agenda pública, pautando as discussões de acordo com o que é veiculado. Fonseca e Lindemann (2007), por sua vez, discutem a mediação jornalística a partir de um objeto distinto e de outra visada. No caso, as autoras consideram as novas

¹² Segundo Fausto Neto (2007, p. 3), a teoria contemporânea do jornalismo divide-se à luz da “Sociedade Midiática” e da “Sociedade em vias de Midiatização”. Na primeira, acredita-se que o jornalismo produz sentidos, independente “(...) de ‘feixes de relações’ externos, bastando-lhe apenas os encaixes e regras internas, inerentes ao seu processo”, como se essa produção se desse unicamente a partir das suas competências tecnodiscursivas. Já na segunda, acredita-se que o jornalismo, submerso a uma nova ambiência da midiatização, é um dos elementos de tal processo, que “(...) se realiza através de dispositivos de produção de sentido mais complexos, alguns dinamizados do seu interior, mas outros já apropriados por outros campos sociais”.



configurações atribuídas ao trabalho jornalístico a partir das tecnologias digitais, que deram origem, por exemplo, ao *webjornalismo* participativo: “prática em que qualquer cidadão pode se tornar repórter”. (FONSECA; LINDEMANN, 2007, p. 1).

Resende (2004), por fim, parece sintetizar as discussões anteriores, aproximando-se da perspectiva de Fausto Neto (2007) na medida em que discute a prática jornalística a partir das suas narrativas, definidas por ele, como um “sistema de significação” heterogêneo, plural e complexo, construído ao longo de processos sociais e cotidianos de mediação. Reconhece, assim, a interação dos outros campos no processo de mediação jornalística, capazes de lhe conferir e agenciar significados.

A reboque dos apontamentos de discussões teóricas como essas, a nosso ver, as complexidades trazidas pelo contexto da midiatização apontam para necessidade, no nível prático e epistemológico, de revisitarmos os exercícios, conceitos e teorias que cercam o jornalismo. O que não representa assumir uma postura de que “tudo mudou”, acreditando na completa ruptura com o “jornalismo tradicional” e, tampouco, ignorar que as mudanças que, de fato, se intalaram, incluindo aí, aquelas de natureza híbrida. Repensar esse contexto, portanto, é ultrapassar a descrição das mudanças e refletir sobre todo o fenômeno da midiatização jornalística.

Se, outrora, o jornalismo acreditava ter controle e soberania sobre os sentidos dos fatos por ele narrados, na contemporaneidade, esse fenômeno tornou-se ainda mais complexo e multifacetado, uma vez que os acontecimentos potencialmente noticiáveis são moldados por estratégias que pertencem a âmbitos sociais não jornalísticos. Isso quer dizer que o trabalho de produção de sentido realizado pelo discurso midiático não se dá de maneira autônoma, e sim em permanente interação entre os dispositivos técnicos, culturais e discursivos, decorrentes principalmente, das lógicas e da cultura da midiatização.

Essa reflexão nos permite ir além das perspectivas que acreditam no surgimento de novas práticas, a partir da aparição de novos suportes (dispositivos digitais e internet), apesar da reconhecermos a fundamental importância desses dispositivos. Em várias situações (política, religião, entretenimento...), os demais campos sociais têm demonstrado a sua capacidade de mútua-afetação a partir das lógicas e dos câmbios circulantes da midiatização, modificando, desse modo, a “construção da realidade social” operada pelos meios de comunicação e, conseqüentemente, pelo jornalismo.

Segundo Fonseca e Lindemann (2007), várias mudanças ocorreram no âmbito da enunciação jornalística, entre elas o deslocamento da função do jornalista de produtor a avaliador das notícias geradas pelos usuários; a transferência do ambiente profissional da



clássica redação ao *locus* virtual dos grandes portais; a periodicidade do veículo diário ao instantâneo; e o retorno de gêneros enfraquecidos, como o jornalismo opinativo. Além disso, novas tensões emergiram, com destaque para a pluralização e visibilidade de falas ordinárias e fatos secundarizados, processo que atua em prol do enfraquecimento dos clássicos critérios de noticiabilidade e da perda de credibilidade das intuições/empresas tradicionais.

Somado a isto, incluiríamos, ainda, as discussões relativas à dinâmica de acoplagem de mediações (construção multimedida da realidade social). Por essa perspectiva, os conteúdos gerados pelos sujeitos ordinários, que para muitos, seriam os “jornalistas da contemporaneidade”, mesclam, misturam, em suma, acoplam novos processos de noticiabilidade com o mesmo padrão hegemônico do fazer jornalístico, demonstrando a constante interação do novo com o velho e vice-versa. Isso quer dizer que da mesma forma que os novos dispositivos e lugares de fala parecem enfraquecer as empresas jornalísticas, ao permitirem a produção, circulação e recepção de conteúdos que não entrariam nas pautas, sobre outros pontos de vistas, vê-se, também, o fortalecimento da prática jornalística, presente no nosso imaginário coletivo, como pré-mediador hegemônico do que se produz e reproduz como “realidade social”.

Fonseca e Lindemann (2007), por exemplo, quando discutem a possibilidade de pluralização das falas, a partir dos dispositivos digitais do *webjornalismo* participativo, alertam para o fato de que isso não representa, necessariamente, o enfraquecimento das empresas jornalísticas. Até porque a maioria delas faz parte da rede e suas narrativas continuam sendo as principais fontes de informação. Ou seja, para um discurso contra-hegemônico ganhar visibilidade e credibilidade é preciso tempo e, sobretudo, estratégia, como o estudo de caso empreendido por Fausto Neto (2007)¹³.

Por fim, vale questionar, também, a forma como os dispositivos de comunicação têm sido, de fato, apropriados pelos receptores/internautas/usuários. Jamil (2007), por exemplo, constatou em sua pesquisa que os níveis de participação dos cidadãos na internet continuam abaixo do alardeado pelos otimistas, devido à baixa quantidade e qualidade de ferramentas que possibilitam a efetiva interação dos usuários e pelo baixo índice de interação verificado entre eles, mesmo quando convidados a isso. Isso demonstra que a simples existência de um dispositivo mais interativo não garante a interação em si, assim como a simples possibilidade de ter um lugar de fala não garante a potência da narrativa ordinária.

¹³ Estudo de caso que trata da noticiabilidade da polêmica do dinheiro apreendido pela Polícia Federal durante a campanha presidencial de 2006.

4. Apontamentos finais (sobre uma reflexão embrionária)

Propomos finalizar este artigo com um balanço crítico acerca da produção e da reflexão sobre a ambiência jornalística em face das mudanças pressupostas ao contexto social da midiaticização.

Se consideramos que, nas sociedades midiaticizadas, a dimensão comunicativa é elevada a um nível nuclear e estruturador das dinâmicas sociais, poderíamos, por extensão, localizar a praxiologia comunicacional no epicentro das mudanças que caracterizam a contemporaneidade na condição de período histórico. Essas dinâmicas de fluxos reordenadores e ressignificantes apresentam semelhante velocidade àquelas que, na atualidade, pilham e “instantaneizam” diversos circuitos de produção simbólico-social. Em decorrência desse quadro, a celeridade e a multiplicidade dos fenômenos comunicativos, no campo da pesquisa e da reflexão acadêmica, imprimem um desafio considerável à formação de um pensamento crítico e socialmente atuante.

Esse desafio consiste, a nosso ver, em calibrar ou aferir nossas faculdades sensitivas e racionalizantes (consideradas aqui um “uno” perceptivo) no intento de inscrever os objetos comunicacionais, da natureza que forem, não apenas no campo da crítica negativista ou da utopia acadêmica, mas também, na razão bivalente que movimenta os próprios fluxos contemporâneos. Nem tanto ao céu, nem tanto a terra, já coloca o ponderado jargão; a ele, acrescentamos: tampouco em cima do muro!

Talvez, a midiaticização social represente o momento epocal e epistemológico que mais nos convide, como pesquisadores desse jovem campo de investigação, a enfrentar o mundo e a geração de conhecimentos a partir de suas complexidades e não de seus axiomas, dos desvios e não das regras, dos câmbios e não dos fixos. Por essa linhagem reflexiva, a problematização dos fenômenos e o desentranhamento de suas reverberações são mais relevantes do que o esforço retórico voltado para legitimação de determinados paradigmas ou ideologias de pesquisa – prática epistemológica bastante comum às exigências institucionalizadas de enquadramento funcional dentro dos diversos campos do saber.

Inserido nesse contexto, o jornalismo, seja tomado como prática ou reflexão, torna-se especialmente relevante, já que, sua natureza social tensiona ainda mais os juízos que lançamos ao mundo. Produto dessa ambivalência gerada pela sociedade midiaticizada, a ambiência jornalística contemporânea caracteriza-se por um espaço de pluripresenças sociais – terreno no qual as instituições e empresas conduzem seus projetos autovendáveis, assim



como os sujeitos e grupos minoritários exclamam suas singularidades e seus manifestos; é nesse espaço que os atritos ainda são amortizados e ocultados, e é nele que explodem as mais diversas formas de anacronismo; é na ambiência jornalística que o visível circula com o *status* de informação, e é por ela que a informação se torna visível.

Diante dessa problematização, dificilmente confinável nas divisões didáticas que dão sentido cronológico à experiência social, indagamos: com qual motivação se deve colocar um pesquisador frente ao seu objeto, e, ainda, qual matriz teórica dará conta de costurar, em nossas análises, elementos como persistência e inovação, miséria e fortuna, ato e potência?

Refletindo sobre conflitos dessa ordem, parece-nos bastante apropriada a reflexão de Martín-Barbero (2006) sobre o contraste entre a celeridade das mudanças nas inovações tecnológicas, por um lado, e os câmbios lentos e dolorosos dos sistemas de crenças e valores, por outro. Nas palavras do autor:

(...) nossos povos podem assimilar com certa facilidade as imagens da modernização que as mudanças tecnológicas propõem, mas é em outro ritmo, bem mais lento e doloroso, que podem recompor seus sistemas de valores, de normas éticas e de virtudes cívicas. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 56).

Por essa perspectiva, pouco acionada pelo tecnocentrismo e pela utopia comunicacional da contemporaneidade, os processos midiáticos não representam a inserção de toda uma coletividade em um mesmo espaço-tempo socializante – ao menos, não de forma harmoniosa e orgânica. As lógicas operacionais das grandes cidades não se espalham pelas redes comunitárias via sinal de *wi-fi*, assim como os princípios que fundam sujeitos e sociedades nem sempre se diluem e se repaginam no ritmo imposto pela estética universal do consumo.

Talvez por isso, como aponta Jamil (2007), não constatemos, em uma perspectiva macrossocial de mudança, formas absolutamente novas de apropriação dos meios de comunicação digitais, incluindo a apropriação jornalística dos mesmos. Como argumenta o autor, os dispositivos não necessariamente traduzem formas de comportamento, ou seja, não é porque a internet, por exemplo, viabiliza a produção jornalística colaborativa, que essa prática, a partir de agora, será produzida de acordo com tal “cartilha” interacional. Afinal, o acesso a esses dispositivos continua restrito a uma minoria de pessoas submetida à exigência de acompanhar e assimilar todo esse jogo de mudanças, e que vivem, assim, na berlinda da inclusão e da exclusão social. (TRIVINHO, 2003). Além disso, a produção de notícias continua submetida aos interesses privados e/ou institucionais que existem por trás da



mediação jornalística, dinâmica típica da “sociedade midiática” que não desaparece no contexto da midiatização.

Felipe Pena (2004), ao questionar a ideia democratizante das mídias digitais e do contexto da midiatização, elenca, na esteira da reflexão de Sylvia Moretzsohn¹⁴, quatro riscos da adoção desse direcionamento analítico: (1) deslegitimação da mediação jornalística e do exercício qualificado da profissão; (2) tomar o jornalismo como uma prática “*as you like*”, flexibilização bastante afinada às manifestações contemporâneas do capitalismo neoliberal; (3) crença no poder de seleção e “edição” dos receptores sobre os conteúdos veiculados nas zonas oficiais de enunciação jornalística – o autor ilustra: “(...) o tal ‘faça você mesmo’ acaba reproduzindo as fórmulas aprendidas no convívio cotidiano com a programação televisiva e resultando em um ‘faça como a Globo’”. (PENA, 2004, P.11); (4) a ilusão de limites ao imaginário tecnológico.

Por outro lado, percebemos que, com o tempo, os agentes sociais têm desenvolvido competências de utilização e apropriação dos novos dispositivos de comunicação e interação. Seja como mecanismos de poder e vigilância ou como meio de mobilização social e publicação horizontal de notícias, os instrumentos e as dinâmicas da midiatização afinaram-se às estratégias e à própria organização dos movimentos sociais. Instaura-se, assim, uma dualidade dentro dos próprios dispositivos e das práticas midiatizadas: por exemplo, a mesma *web*, apontada por muitos como um espaço democrático e livre de difusão de informações, colabora, não raramente, para acentuar as assimetrias entre os polos de produção e recepção simbólico-midiática, assim como, sua funcionalidade horizontalizante tornou-se um emblema para construção de um paradigma comunicacional difuso, não linear e anti-mecanicista¹⁵.

Assim, tomando essa ambivalência como horizonte crítico à visada tecnocrática ou utópica da midiatização, colocamos que, mesmo considerando alguns avanços, o sistema crítico-interpretativo acionado pela pesquisa no campo do jornalismo nos parece, não raro, ingênuo; situado ora em matrizes teóricas inerentes à “sociedade dos meios”, ora em perspectivas futurólogas da comunicação. Se o tempo da prática é distinto do tempo da reflexão, talvez, no caso da zona de mobilidade jornalística, nossa epistemologia careça de

¹⁴ MORETZSOHN, Sylvia. Considerações sobre o óbvio surpreendente. Disponível em: <www.observatoriodaimprensa.com.br>.

¹⁵ Para citar um exemplo que nos toca, a partir de outra experiência de pesquisa, apontamos como *sites* favoráveis à causa Palestina desaparecem do ciberespaço sem qualquer explicação, o que legitima a exclusão desse povo e o torna incapaz de lograr e demarcar um território até mesmo em espaços virtuais. Por outro lado, o *Facebook*, rede social que funciona – na concepção do seu próprio criador, Mark Zuckerberg – como ferramenta de mapeamento e concentração de informações, serviu, durante os protestos egípcios contra o ditador Hosni Mubarak, como dispositivo de articulação que concentrou 40% de todo o tráfego de dados mobilizados pelos ativistas.



galgar em outros ritmos, nem tão acelerados e nem tão nostálgicos. A velocidade das mudanças parece maior do que a capacidade de operacionalizá-las e, ainda que talvez nunca consigamos resolver esse imbróglio, devemos insistir em processos práticos e cognitivos capazes de testar outras possibilidades e tencionar certos pré-juízos.

Uma possível maneira de amortizar esse mal-estar, e quiçá transformá-lo em potência, é a fortificação dos processos colaborativos de análise e investigação. Os pesquisadores partem, de forma geral, do mesmo objeto – a mediação jornalística na contemporaneidade –, mas, nem sempre, preocupam-se com uma ancoragem geral e sistematizada de seus procedimentos analíticos (como se suas discussões não fossem complementares). Exemplo disso é a baixa referencialidade, dentro dos artigos apresentados no GT de “Estudos de Jornalismo” nos anos 2000, na Compós, de autores nacionais que estejam atuando para a construção de uma epistemologia contemporânea sobre a prática jornalística.

Encerramos este artigo objetivando apenas iniciar um debate necessário. Para tanto, aludimos às palavras e a conclamação de Martín-Barbero:

(...) enfrentamos uma perversão do sentido de demandas socioculturais que encontram de algum modo expressão nas mídias, mediante a qual se deslegitima qualquer questionamento de uma ordem social à qual só o mercado e as tecnologias permitiriam dar forma. Esta concepção hegemônica nos submerge numa crescente onda de fatalismo tecnológico diante do qual se torna mais necessário do que nunca manter epistemológica e politicamente a estratégica tensão entre as mediações históricas que dão sentido e alcance às mídias e ao papel de mediadores que elas estão realizando hoje. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 55).

Referências

BRAGA, José Luiz. Sobre “mediatização” como processo interacional de referência. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 15, 2006, Bauru-SP. **Anais...** Bauru: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_544.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2006a. 350 p.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 698 p.

FAUSTO NETO, Antônio. A mediatização jornalística do dinheiro apreendido: das fotos furtadas à fita leitora. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 16, 2007. Curitiba-PR. **Anais...** Curitiba: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_245.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.



FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma “analítica” da midiaticização. **Matrizes**, São Paulo, v.1, n.2, jan/jun, 2008. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/88>>. Acesso em: 23 abr. 2013.

FONSECA, Virginia; LINDEMANN, Cristiane. Jornalismo participativo na internet: repensando algumas questões técnicas e teóricas. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 16, 2007. Curitiba-PR. **Anais...** Curitiba: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_241.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.

HOUAISS, Instituto Antônio. Mediador. In: HOUAISS, Instituto Antônio. Mediador. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão monousuário 3.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2009.

JAMIL, Francisco. Níveis de participação dos cidadãos na internet: Um exame dos websites de senadores brasileiros e norte-americanos. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 16, 2007. Curitiba-PR. **Anais...** Curitiba: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_37.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis (Org.). **Sociedade Midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

PENA, Felipe. A TV digital no imaginário tecnológico: identidades, mediação e sociabilidade nas fantasias do telejornalismo online. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 13, 2004, São Bernardo do Campo-SP. **Anais...** São Bernardo do Campo: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2004. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_664.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.

PEREIRA, Alfredo. Telejornalismo: o conhecimento do cotidiano. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 14, 2005. Niterói-RJ. **Anais...** Niterói: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2005. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_849.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.

RESENDE, Fernando. O olhar às avessas – a lógica do texto jornalístico. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 13, 2004. São Bernardo do Campo-SP. **Anais...** São Bernardo do Campo: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2004. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_668.pdf> Acesso em: 15 mar. 2013.

SAVAZONI, Rodrigo. O Duplo Perfil do Facebook. **Trezentos**, 2011. Disponível em: <<http://www.trezentos.blog.br/?p=5692>>. Acesso em: 7 mai. 2013.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 268 p.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. Os processos midiáticos para além da mídia. **ANIMUS – Revista Interamericana de comunicação midiática**, Santa Maria. v. 6, n. 2, jul/dez. 2007. (Mestrado em Comunicação da UFSM).

TRIVINHO, Eugênio. Cibercultura, sociossemiose e morte: sobrevivência em tempos de terror democrático. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 12, 2003. Recife-PE. **Anais...** Recife: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2003. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1045.PDF>. Acesso em: 15 mar. 2013.